



O USO DO CÁLICE COMUM NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL: O SAGRADO E AS IDEIAS HIGIENISTAS NO PERIÓDICO “O PURITANO” (1912-1914)

THE USE OF THE COMMON CHALICE IN THE PRESBYTERIAN CHURCH OF BRAZIL: THE SACRED AND HYGIENIST IDEAS IN THE PERIODICAL "O PURITANO" (1912-1914)

Lucas Gabriel Evangelista¹

Resumo

O Protestantismo se estabeleceu no Brasil na primeira metade do século XIX, principalmente após a abertura dos portos às nações amigas, em 1808. Desde o início, sua expansão foi baseada em atividade missionária e apologética, que fazia uso do periódico como base de informações. É inegável que esse movimento religioso participou das discussões políticas e sociais que cercaram a sociedade brasileira dos séculos XIX e XX e, por isso, é um importante campo de análise na compreensão dessas discussões e suas repercussões na sociedade. Neste trabalho, deseja-se refletir sobre como se deu a relação entre fé e higiene na Igreja Presbiteriana no Brasil, delimitando-se aos anos iniciais do século XX. A partir deste problema, o objetivo do presente trabalho é analisar o debate do cálice comum que ocorreu nos anos de 1912 – 1914 no periódico “O Puritano” e sua relação com a narrativa higienista e o uso litúrgico do cálice. Nesse sentido, a pesquisa constitui uma análise histórica da relação entre a Igreja Presbiteriana do Brasil e as mudanças que a sociedade brasileira enfrentava em sua relação com as correntes higienistas e o sagrado.

Palavras-chave: Protestantismo; Higiene; Liturgia; Fé; Ciência.

Abstract

Protestantism was established in Brazil in the first half of the 19th century, mainly after the opening of ports to friendly nations in 1808. From the beginning, its expansion was based on apologetic missionary activity that made use of the periodical as a base of information. It is undeniable that this religious movement participated in the political and social discussions that surrounded Brazilian society in the 19th and 20th centuries and, therefore, it is an important field of analysis in the understanding of these discussions and their repercussions on society. How was the relationship between faith and hygiene in the

¹ Graduando do 4º ano de História do Centro Universitário do Sagrado Coração, Bauru/SP. Artigo realizado sob a orientação dos professores Dr. Roger Gomes e Dra. Lourdes Feitosa.



early years of the 20th century? More specifically in the case of the Presbyterian Church of Brazil. Proposing this problem, the objective of the present work is to analyze the debate of the common chalice that took place in the years 1912 - 1914 in the periodical "O Puritano" and its relationship with the hygienist narrative and the liturgical use of the chalice. In this sense, the research constitutes a historical analysis of the relationship between the Presbyterian Church of Brazil and the changes that Brazilian society faced to build a national identity.

Keywords: Protestantism; Hygiene; Liturgy; Faith; Science.

INTRODUÇÃO

A celebração litúrgica da Santa Ceia é um dos ritos mais importantes do cristianismo, uma ordenança direta de Jesus Cristo. A forma correta de sua celebração, envolvendo o pão e sua composição, foi a causa de debates extensos que dividiram a cristandade ao longo da história². Sendo assim, os sacramentos, que são considerados ordenanças divinas, sempre ocuparam um lugar central no pensamento cristão.

Atualmente, nas igrejas evangélicas de modo geral, vemos que o vinho – ou suco de uva em muitos casos – é distribuído em copos individuais. No olhar contemporâneo esse pode parecer um costume antigo, estabelecido há muito tempo no seio da igreja, mas a adoção do copo individual, no início do século XX, gerou um confronto interno na Igreja Presbiteriana do Brasil por ser considerada uma inovação. Alguns, nesse embate, defenderam a tradição de se utilizar um único cálice para que todos bebam dele. Para este grupo, Jesus Cristo ordenou que todos bebessem do mesmo cálice, tradição antiquíssima e inalterada da Igreja estabelecida pelos apóstolos. Já o grupo opositor, também utilizando de argumentos escriturísticos³, afirma que todos devem beber do vinho em cálices individuais, pois tal assunto não era de importância primária – essa é, normalmente, a ação histórica de alguns grupos protestantes diante de questões litúrgicas – nem deveria ser definido como uma lei para todos. A forma da liturgia pode ser modificada, se

² Durante o "Grande Cisma" de 1054, uma das discussões entre o Oriente e o Ocidente era o uso do pão fermentado. Segundo os orientais, o pão para a consagração deve ser fermentado – o que difere da tradição litúrgica ocidental que utiliza o pão sem fermento (pão ázimo). Ver o volume 2 da "A tradição cristã" do historiador Jaroslav Pelikan.

³ Escriturístico é um adjetivo que se refere à bíblia.



necessária, ou, ainda, deve prezar pela simplicidade⁴. A simplicidade litúrgica é uma característica histórica do protestantismo brasileiro, que teve seu maior desenvolvimento e expansão no interior paulista, enfrentando muitas dificuldades materiais no seu estabelecimento (LÉONARD, 1963).

Segundo Hahn (2011), a escola bíblica dominical precedeu o estabelecimento das igrejas protestantes. Isto se deu pelo próprio método utilizado pelos missionários no Brasil que, em suas longas viagens pelo interior do país, distribuíram bíblias e incentivaram a reunião da comunidade cristã nascente seguindo um modelo descentralizado. Desse modo, as pessoas que se reuniam para a leitura da bíblia constituíam “Igrejas Domésticas”⁵ que recebiam, em raras ocasiões, o auxílio pastoral. Quando um pastor visitava a comunidade, esta realizava, no mesmo dia, a recepção de novos membros por meio da profissão de fé e do Batismo e em seguida a Ceia, que era administrada como um sinal de comunhão. O neófito, ao receber o pão e o vinho, partilhando os elementos com a comunidade, estava recebendo o sinal externo de sua comunhão com a Igreja. Sendo assim, observa-se a importância simbólica do ato de partilhar o mesmo cálice com a comunidade, pois o cálice representa a comunhão sob a aliança divina. No entanto, várias comunidades permaneciam meses sem receber a visita de algum pastor e, conseqüentemente, não recebiam os sacramentos com frequência. Para além disso, como ressalta Hahn, “A tarefa dos pastores era a evangelização, não o culto” (HAHN, 2011, p.308). Tais questões mencionadas influenciaram o desenvolvimento litúrgico do protestantismo brasileiro, que foi marcado pela constante adaptação aos desafios do trabalho missionário e pela simplificação dos ritos.

Isso explica, em parte, a ação do Sínodo Presbiteriano de 1903⁶ ao decidir sobre o uso dos cálices individuais na celebração da ceia. O Sínodo, ao ponderar sobre o assunto, anuncia ser facultativo para as comunidades eclesíásticas o uso do cálice comum e que, desse modo, cada Igreja seria livre para utilizar um ou vários cálices. Na atualidade, o uso do cálice individual já é um consenso na Igreja Presbiteriana do Brasil – na verdade,

Comentado [1]: Esse termo vem de algum pensador específico? As vezes é bom defini-lo em uma nota de rodapé.

⁴ A simplicidade sempre foi uma característica do culto protestante brasileiro. Ver HAHN, 2019, p.75-122.

⁵ O termo “Igrejas Domésticas” é utilizado por Carl Hahn e Émile Léonard.

⁶ O Sínodo será contextualizado em outro tópico.



a maioria das igrejas evangélicas utiliza copos individuais na celebração do rito – que, por sua vez, declara o uso do cálice individual como algo não prejudicial⁷.

Essa polêmica envolvendo o rito da Santa Ceia inseria-se em um contexto específico de influência de ideias higienistas na política brasileira. Nos primeiros anos do século XX, a jovem república brasileira investiu em um grande projeto de modernização que visava a transformação do cenário nacional. Nesse período, as autoridades conceberam um plano que culminou no processo de demolição dos casarões, período que ficou conhecido como ditadura do “bota-abaixo”, e que causou a insatisfação da população desabrigada (MARINS, 1998). O auge das reformas empreendidas no Rio de Janeiro se deu a partir de 1903, ano em que foi celebrado o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, já mencionado anteriormente, que definiu o uso do cálice individual na liturgia.

Não havia, no Brasil, um discurso higienista homogêneo, apenas baseado no ideal do embranquecimento – linha determinista biológica que mantém vínculos com a antropologia física do século XIX –, mas existiam alternativas que eram defendidas em um contexto geral de narrativas. Uma delas, influenciada pelo neo-hipocratismo ambientalista, pensava em políticas de saúde pública abrangentes, voltadas para a construção de uma identidade nacional. Sendo assim, essa perspectiva era a mais influente no Brasil e estava ligada ao desafio de repensar a nação e seu papel frente ao mundo moderno (MAIO, 2010). O debate sobre o uso do cálice comum é totalmente baseado na higiene dos indivíduos. A prática litúrgica de um único cálice para toda a comunidade torna-se ilícita frente às definições modernas de higiene que se estabeleceram na sociedade brasileira durante o século XIX. O recipiente, conforme a argumentação dos defensores do cálice individual, seria um vetor para diversas doenças. A Igreja como parte da sociedade, está inserida nela, sendo influenciada pela narrativa higienista do período e tais discursos se relacionam com os dogmas definidos pela fé cristã. Prova dessa relação são as proporções dogmáticas que o debate alcançou ao discutir a onisciência de Deus, mais especificamente o conhecimento ou não de Jesus sobre os aspectos higiênicos que envolviam o uso do cálice comum.

⁷ O Manual Presbiteriano, lançado em 2019, citando o Sínodo de 1903 afirma o seguinte: “O SUPREMO CONCÍLIO declara que o uso de cálice individual na celebração da Santa Ceia não prejudica a espiritualidade de uma Igreja”. Ver MANUAL PRESBITERIANO, 2019, p.202.

Comentado [2]: Qual polêmica? Acho melhor você retomar um pouco sobre o que tinha dito anteriormente pq pode ter ficado meio “solto”.



A liturgia, que aqui definimos como expressão prática daquilo que a comunidade eclesial confessa no âmbito da fé, é tratada mais especificamente pela Teologia que possui suas próprias ferramentas teórico-metodológicas. Não queremos, de modo algum, fazer o trabalho de um teólogo. Deixamos a teologia para os teólogos como, do mesmo modo, a especulação filosófica para os filósofos. No entanto, é impossível tratar de qualquer vertente cristã sem tocar, ainda que superficialmente, em assuntos de natureza teológica. O cristianismo desenvolveu-se sob temas teológicos que definiram sua trajetória histórica⁸. A liturgia cristã, sendo a expressão da teologia, é também uma ferramenta para compreender as discussões vigentes no período analisado. Aquilo que pertence à liturgia, como o cálice comum, acaba sendo influenciado pelas narrativas vigentes na sociedade.

O debate litúrgico ocorreu, principalmente, no jornal “O Puritano”, durante os anos 1912 – 1914. Esse é o período analisado no presente artigo, pois foi o auge do debate que aconteceu até 1914. O jornal mencionado foi o principal periódico presbiteriano do Brasil. Sua influência foi estabelecida em todo o território nacional e tinha como público todas as Igrejas Presbiterianas do Brasil. Seu principal redator, Rev. Álvaro Reis, era pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro e desempenhou um papel central na polêmica sobre o uso do cálice comum. O periódico possuía uma seção para artigos de opinião – artigos sempre favoráveis aos ideais defendidos pelo jornal – onde foram publicados os principais textos que discorriam sobre o uso apropriado do cálice na liturgia. Essa seção, normalmente, era localizada em um lugar de destaque na estrutura do periódico – as duas primeiras páginas do jornal –, dando ênfase na autoridade da Bíblia como única regra de fé e prática. O pesquisador que quer trabalhar a história do protestantismo brasileiro não pode ignorar os diversos periódicos que desenvolveram um sistema de propaganda e apologética das principais doutrinas defendidas pelas denominações que se estabeleceram no Brasil. Como afirma Vasconcelos, “Os impressos e a imprensa protestantes estiveram de tal maneira imbricados à formação do

⁸ Como exemplo disso temos o cisma entre o Ocidente e o Oriente que foi palco de disputas litúrgicas e canônicas. Questões que, em essência, são trabalhadas pela teologia. É impossível compreender as questões históricas que envolveram essa polêmica sem a compreensão mínima dos temas teológicos. O historiador Jaroslav Pelikan (2014) trabalha com a noção de desenvolvimento da doutrina cristã e, consequentemente, trata de assuntos teológicos.



protestantismo no país, a ponto de poder-se afirmar que a formação desta imprensa foi parte constitutiva de uma cultura protestante no país.” (2010, p.7). Conclui-se que o periódico é uma fonte indispensável para a história do protestantismo brasileiro de modo geral.

No final do século XIX a Teologia Liberal tentava explicar as questões intelectuais que surgiam na ciência. Tal movimento teológico desenvolveu-se em larga escala nos Estados Unidos e representou uma maior liberdade de pensamento para os teólogos (GONZÁLEZ, 1995). Esse movimento também foi influenciado pela ciência moderna, acolhendo inclusive o evolucionismo em suas reflexões. Os missionários protestantes que se estabeleceram no Brasil tinham como origem, em sua maioria, os Estados Unidos e, por isso, as ideias do liberalismo teológico chegaram em terras tupiniquins por influência norte-americana. Para além disso, é nítido no pensamento missionário norte-americano o duplo objetivo de “evangelizar” e “civilizar”, mais especificamente, de levar o modelo civilizacional norte-americano à jovem república brasileira (MENDONÇA, 2005).

Compreender a gênese desse pensamento no meio evangélico presbiteriano pode lançar luz sobre a relação entre o sagrado e a sociedade brasileira do início do século XX. Assim, indaga-se: como ciência e religião se comportaram nessa discussão? Ou ainda, para ser mais preciso: como os indivíduos enxergavam essa relação entre a fé e os conceitos de higiene propagados na sociedade? De início, nos parece que a defesa do cálice comum, para além da defesa de uma tradição litúrgica, representa uma resistência diante de possíveis interferências das ideias higienistas sobre a prática litúrgica da Igreja. Aquilo que o Reverendo Álvaro Reis, em uma de suas publicações sobre o assunto, classificou como “racionalismo”⁹. Isso não significa que os defensores de tal perspectiva negavam a validade do método científico, mas sim que a ciência não deveria, de modo algum, interferir nos dogmas eclesiais. Essa relação delicada entre ciência e fé culminou no debate analisado. No entanto, não podemos negar que essa crítica liderada

⁹ O rev. Álvaro Reis, no dia 05 de março de 1914, fez uma publicação falando sobre o cálice comum e a invasão do “racionalismo” na Igreja Presbiteriana. Esse argumento foi trabalhado, com maior profundidade, no tópico “Medo do contato: a relação entre o contágio e o sagrado” do presente artigo. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128414&Pesq=calix%20eucharistico&pagfis=4782>. Acesso em: 27 de maio de 2022



pelo rev. Álvaro Reis era seletiva, pois este utilizava a mesma estrutura argumentativa – pensando em princípios higiênicos – para criticar o batismo por imersão praticado pelos batistas. Em uma publicação feita pelo Rev. Álvaro Reis, no dia 05 de dezembro de 1912, no jornal utilizado como fonte no presente trabalho, vemos uma argumentação baseada nas noções de higiene do período, mas para refutar o batismo por imersão defendido pelos batistas. O batismo por imersão é definido, pelo pastor, como “imoral e anti-higiênico”¹⁰. Essas nuances demonstram a complexidade do cenário político e social brasileiro no período analisado e a relação tênue estabelecida entre a religião e as normas estabelecidas pela higiene.

Por fim, o presente trabalho visa analisar essa discussão no periódico *O Puritano*, levando em consideração a importância da análise histórico-litúrgica do protestantismo brasileiro para a compreensão da realidade histórica brasileira. Como dito anteriormente, a Igreja Presbiteriana, em sua expansão, foi muito influente na sociedade. Como afirma o historiador Léonard (1963), desde o início do protestantismo chamou a atenção de alguns intelectuais brasileiros e de uma elite que apoiou o estabelecimento do protestantismo no Brasil. Como teve um desenvolvimento familiar, o protestantismo brasileiro cresceu dentro das casas, e essa estrutura era responsável por expandir o centro religioso para outras regiões. Esse foi o exemplo da Igreja Presbiteriana de Brotas, fundada pelo ex-padre José Manuel da Conceição – considerado o Francisco de Assis protestante – que expandiu a mensagem evangélica para outras regiões do interior de São Paulo e Minas Gerais. Para além dessa influência familiar, o protestantismo, desde o início, também foi preponderante na educação, com a fundação do Colégio Americano (atual Mackenzie) e de outras instituições que eram imbuídas de um conceito de educação higienista que se relaciona com a formação cívica da população (CARVALHO; ABREU, 2012). Segundo Baía (2012), essas concepções educacionais atingiram também o meio protestante, principalmente por meio da “Associação Cristã de Moços”, que fora fundada por missionários presbiterianos no final do século XIX. Desse modo, a análise dessas

10

Disponível

em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128414&Pesq='calix%20comum'&pagfis=4105>.

Acesso em: 27 de maio de 2022.



relações pode contribuir para uma melhor compreensão das tensões nos períodos iniciais da república brasileira.

O PROTESTANTISMO NO BRASIL

O estabelecimento do protestantismo no Brasil pode ser definido, de forma geral, em duas fases: protestantismo de imigração e protestantismo de missão (MATOS, 2011). Este iniciou sua solidificação após a elaboração da constituição brasileira de 1824, que garantia uma maior liberdade de culto privado, e esteve acompanhado do periódico como um meio apologético. É no jornal, na segunda metade do século XIX, que os missionários evangélicos lançaram sua campanha de propagação dos ideais da Reforma Protestante. Carl Joseph Hahn, ao tratar desse contexto missionário no Brasil oitocentista, cita o exemplo de Robert Reid Kalley (1809 - 1888), que desde o início de sua empreitada como propagador do evangelho envolvia-se numa série de polêmicas no jornal. Do mesmo modo, Kalley empreendia grande esforço missionário ao traduzir obras protestantes para serem publicadas no Brasil e participou de algumas polêmicas no jornal. Segundo Hahn,

Kalley escreveu para Lisboa solicitando cópias de todos os folhetos disponíveis em português e começou a reeditá-los, no Rio de Janeiro, assim como os de sua própria autoria. Mas a sua importante publicação nessa época foi a tradução de O PEREGRINO, de John Bunyan, saída do popular diário “O Correio Mercantil” sob o título “A Viagem do Cristão para a bem-aventurança eterna” [...] Kalley entrou também numa série de polêmicas no jornal acerca da imortalidade da alma respondendo a alguns artigos que apareceram. O Dr. Kalley empenhou-se em juntar *argumentos racionais* em favor da imortalidade da alma. (HAHN, 2011, p.161)¹¹

O jornal “O Puritano”, analisado no presente trabalho, segue a mesma linha editorial da maioria dos periódicos protestantes. É uma base de informações que tem como um de seus principais objetivos a defesa da fé evangélica e o estabelecimento de uma rede de informações sobre a expansão missionária no Brasil e o apoio desta por meio

Comentado [3]: Mano, esse grifo é seu ou do autor? tem que especificar

¹¹ Grifo do autor.



de artigos apologéticos. Seu centro de divulgação era a cidade do Rio de Janeiro e sua influência abarcava toda a Igreja Presbiteriana.

Esse periódico foi a base do debate sobre o uso do cálice comum, pois o seu principal redator, Rev. Álvaro Reis, criticava qualquer modificação da liturgia da ceia. Para ele modificar a liturgia revelada nas Sagradas Escrituras é o mesmo que desobedecer a uma ordenança direta de Cristo. Nesse sentido, O Puritano construiu uma imagem de si mesmo como o jornal que defende a ortodoxia cristã dos ataques racionalistas e inovadores – definições que serão abordadas no próximo tópico. Essa construção é evidente em todos os jornais, pois defendem uma determinada interpretação da realidade e querem convencer o público-alvo de que esse discurso é a verdade (GUARNIERI, 2020). Temos publicações feitas entre os anos de 1912 e 1914 que tratam desse tema polêmico e que se relacionam com as ideias higienistas propagadas na sociedade brasileira do início do século XX. São esses artigos analisados no presente trabalho.

Além disso, destaca-se alguns fatores que influenciaram o desenvolvimento do protestantismo no Brasil. Em primeiro lugar, como afirma o teólogo Carl Hahn (2011), havia um desinteresse, por parte dos americanos, na organização do culto, e essa tendência permanece no Brasil que, de modo geral, nunca sistematizou sua liturgia. Ademais, antes do protestantismo chegar em terras brasileiras, já existia uma tradição de culto familiar, pois a família, sob a figura central do pai, se reunia para prestar culto a Deus. Essa tradição facilitou o trabalho dos missionários, que utilizaram desse recurso para estabelecer igrejas no amplo interior do Brasil (LÉONARD, 1963). Essa estrutura de culto fortalecia o senso de comunidade das igrejas, e consolidou a definição dos sacramentos como sinal de comunhão entre os irmãos que confessam a mesma fé. O cálice comum, podemos afirmar, foi símbolo máximo dessa unidade eclesial.

O CÁLICE COMUM E O CÁLICE INDIVIDUAL

No Brasil do século XIX as ideias sobre o contágio das doenças dividiam-se em dois grandes grupos. O primeiro grupo defendia o contágio por microorganismos patológicos. O segundo, a teoria dos miasmas, que se consolidou no século XVIII. A



teoria miasmática foi predominante no Brasil surgindo daí a preocupação com o ambiente e sua higiene. Para que os miasmas não se espalhassem pela cidade, era necessário limpar o ar e fazê-lo circular. Desse modo, o processo sanitário estava ligado à mudança de comportamento da sociedade, principalmente quando tratamos da medicina preventiva e do policiamento nas cidades (REIS, 1991).

Mesmo com a chamada “Revolução Pausteriana” e os avanços na bacteriologia, o Brasil ainda preservou algumas características da chamada higiene clássica (CAPONI, 2002)¹². Nós vemos essa permanência, por exemplo, nos métodos de saneamento da cidade do Rio de Janeiro, que em 1903, desenvolveu a chamada ditadura do “bota-abaixo”, reformulando a cidade aos moldes de Paris, visando criar uma identidade nacional que acompanhasse as mudanças do mundo moderno – os intelectuais brasileiros, incluindo os higienistas, foram influenciados pelo pensamento francês e, por isso, tinham Paris como referência. Como afirma Otavio Pereira Lima (2006), em seu trabalho que busca analisar o pensamento do higienista brasileiro Áfranio Peixoto, a ideia da prevenção estava associada à intervenção na conduta social.

Desse modo, o governo, com seu policiamento, invadia o espaço privado das pessoas e atacava os hábitos considerados “anti-higiênicos” e danosos para o bem público. Com essas medidas de invasão e controle dos hábitos, reforçadas com as descobertas no campo da microbiologia, criou-se “[...] uma neurosis colectiva de la contaminación” (DAGOGNET apud CAPONI, 2002, p.1673). É essa visão de contaminação, ao que parece, que influenciou o debate religioso sobre o uso do cálice comum; o controle do contágio e as medidas profiláticas que visavam esse controle eram consideradas válidas até o momento que passaram a interferir na liturgia da Ceia, considerada sagrada e imutável.

Esses temas foram discutidos no debate do uso do cálice comum na Igreja Presbiteriana. Alguns dos assuntos tratados pelos higienistas brasileiros do século XX envolviam a higiene da boca e os cuidados necessários que se deve ter contra a sífilis (BAÍÁ, 2012). Também existia uma discussão a respeito do álcool como vetor de

¹² Ao utilizar o termo “higiene clássica” refiro-me à teoria miasmática, muito comum no pensamento médico do período colonial, que se preocupava com questões como o clima, a topografia, problemas urbanos gerados pela falta de saneamento, entre outras coisas. Ver MAIO, 2010, p.56.



“degeneração racial”. O médico Belizário Penna, em seu livro “O Demônio da Humanidade”, apresenta sua perspectiva antialcoólica afirmando a degeneração racial causada por seu consumo¹³. Conforme Belizário,

Porque não se compreende, Snrs., que depois de cientificamente provado ser o álcool um tóxico dos mais perigosos e de consequências as mais funestas para o indivíduo, para a família, para a sociedade, para a raça e para a espécie; depois evidenciado que ele não possui uma única virtude; que ele não é alimento nem agente terapêutico; e ainda mais que é exclusivamente um veneno diabólico, em qualquer dose e sob qualquer forma, não se compreende, Snrs., que se possa ter como esse espírito mau qualquer contemplação, a menos que já estivéssemos de tal modo dominados pelo gênio da degeneração, de tal forma fascinados pelo demônio da humanidade, que não nos restassem mais energias para reagirmos e o expelirmos definitivamente do nosso convívio. (BELIZARIO apud CARVALHO, L. D., 2019)

O livro citado, produzido por Penna, foi publicado pela editora da Igreja Batista brasileira em 1922, o que demonstra que os batistas participaram da propaganda antialcoólica e utilizaram os argumentos de Belizário Penna para criticar o uso do álcool na celebração da Ceia. Essa participação dos batistas na discussão sobre o álcool é evidenciada em um artigo do jornal “O Puritano”. No artigo – o nome do autor não é citado – o jornal critica a Igreja Batista por suas considerações a respeito do álcool:

Mas o argumento tem duas pontas: a primeira, rebatemol-a nós, a segunda rebatam n’a os baptistas, si puderem! Eil-a: os baptistas tão escrupulosos com a hygiene do estomago a ponto de adoptarem o cálix individual, por que se persuadiram de que os microbios saltitam nas bordas do cálix comum o que é uma falsidade visto que bacteriologistas têm provado que o microbio das molestias syphiliticas não resistem ao álcool contido no vinho; sim, os baptistas (que tão escrupulosos assim se mostram) porque fecham os olhos ao triplice inconveniente do baptismo por imersão – que é ridículo, anti-hygienico e quasi imoral? (O PURITANO, Rio de Janeiro, n. 00677, 5 de dezembro de 1912, p.2)

¹³ Belizário Penna foi um higienista muito influente na sociedade brasileira que buscou, por meio de seu trabalho político, resolver questões sociais e construir uma identidade brasileira. O professor Leonardo Carvalho trabalha, em seu doutorado, com o pensamento sociológico de Penna e como este pensamento influenciou sua proposta de saneamento. Para mais informações sobre a vida e obra de Belizário Penna ver Leonardo Dallacqua de Carvalho, 2019, p.11-56.



Os batistas são chamados de escrupulosos por adotarem o cálice individual e criticarem a eficácia do álcool do vinho no combate às bactérias. Ademais, como se observa na citação acima, o texto jornalístico tece algumas críticas ao batismo por imersão – característico no meio batista – nomeando-o como “anti-higiênico” e “quase imoral”. Sendo assim, podemos observar que os editores do jornal não negavam a higiene, afinal, utilizam argumentos higienistas em seus artigos para criticar o uso do cálice individual e o batismo por imersão. No caso deste é ainda mais curioso, pois os argumentos utilizados – que tratam da água parada e do contato desta com a pele quando o batismo é realizado – aproximam-se da higiene clássica e da sua concepção de miasmas. Como afirma o historiador João Reis (1993, p.253), no período de predomínio da teoria miasmática tinha-se a compreensão de que “os eflúvios eram potencializados pelo suor e a respiração dos fiéis, e a queima de velas e incenso”, ou seja, as emanações de gases (miasmas) eram potencializadas pela respiração e suor das pessoas em um determinado local. No caso do batismo por imersão, essas emanações estão relacionadas diretamente com a água e as pessoas que ali se encontravam para receber o batismo. Isso demonstra a complexa relação, no Brasil, entre as ideias já existentes e as novas ideias que surgiram a partir das descobertas no campo da microbiologia, além de confirmar o que fora dito anteriormente: que a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, aqui representada pelo jornal O Puritano, utilizava argumentos higienistas para fundamentar o próprio discurso e para refutar discursos contrários.

A polêmica do cálice aparece no jornal O Puritano, com maior frequência, nos últimos meses de 1912 e nos primeiros meses de 1914 e, de modo geral, foi dividida em dois grupos que defendiam discursos antagônicos. O primeiro grupo, amplamente citado nas discussões do jornal, defendia o uso do cálice individual, ou seja, que cada pessoa tomasse o vinho da Ceia em copos individuais, evitando o contágio de doenças como, por exemplo, a sífilis. O grupo rival, representado principalmente pelo Reverendo Álvaro Reis, – que usou o jornal como base de influência para seus discursos – defendia que o uso do cálice comum era um consenso na história do cristianismo, sendo uma ordenança



direta de Cristo, que disse “bebei dele todos”¹⁴. Desse modo, para o segundo grupo, negar o seu uso era o mesmo que desobedecer a uma ordenança estabelecida por Cristo, o que, necessariamente, incorre em desobediência e inovação doutrinária. Estamos falando da defesa de um dos pilares da Reforma Protestante, a *Sola Scriptura*, que coloca as Sagradas Escrituras como a autoridade máxima da Igreja.

A ideia de que o cálice comum seria um vetor de doenças contagiosas parece surgir, ou ganhar maior proporção, em 1903, com o Sínodo Presbiteriano e sua decisão sobre o uso do cálice na Ceia do Senhor. O Sínodo foi de grande importância para o protestantismo brasileiro, pois nesse momento ocorre o primeiro grande cisma protestante em terras brasileiras, que deu origem à chamada Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB)¹⁵. Havia nesse período uma espécie de “nacionalismo” que se desenvolvia no meio evangélico. Os pastores nativos olhavam com certa desconfiança para os missionários americanos, e começaram a exigir maior autonomia para a Igreja Presbiteriana brasileira. Segundo o historiador francês Émile Léonard,

Estava-se a esse tempo sob o temor do imperialismo Yankee, provocado pela guerra hispano-norte-americana. Os jornais faziam crer que os missionários eram emissários do governo norte-americano encarregados de preparar uma futura tutela sobre o Brasil. (1963, p.152)

Pode-se afirmar que o Sínodo foi dividido em três grandes temas: a independência da igreja brasileira; o método de ensino indireto utilizado nos colégios protestantes; a questão maçônica. A discussão sobre o cálice comum foi ofuscada de modo notório pela questão maçônica. Nessa reunião eclesial, a Igreja Presbiteriana definiu que o uso ou não do cálice comum seria facultativo, deixando para cada igreja em particular o poder de escolha. O único comentário mais específico foi que o uso de recipientes individuais “não prejudica a espiritualidade de uma Igreja”¹⁶. Fato é que nesse período, 1903, as

¹⁴ “A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos;” (Mateus 26,27). Versão Almeida Revista e Atualizada. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/ara/mt/26>. Acesso em: 31 de nov. de 2022.

¹⁵ Para mais informações sobre o Sínodo de 1903 e o cisma presbiteriano veja o livro de Émile Léonard: O presbiterianismo brasileiro, 2014, p.85-150.

¹⁶ Ver nota de rodapé 6.



discussões sanitárias estavam em alta, pois foi nesse ano que o Rio de Janeiro, como dito anteriormente, passou por seu processo de reformulação sanitária. Essa falta de importância ao tratar da liturgia da Ceia pode ser explicada pelo desinteresse dos protestantes brasileiros para com a liturgia histórica.

Em uma publicação feita em 1914, o Rev. Álvaro Reis pede desculpas por não ter dado a devida atenção para o tema e chega a afirmar que o sínodo errou em sua decisão de tornar facultativo o tipo de cálice utilizado na celebração da Ceia¹⁷. O pastor, após perceber a gravidade do assunto, dedica-se ao estudo da Bíblia para fundamentar seus argumentos, e até mesmo publica um livro para responder os argumentos do movimento em prol do cálice individual. A questão atingiu grandes proporções. Em uma carta endereçada ao pastor Álvaro, e publicada no periódico, um fiel da Igreja Presbiteriana faz esta afirmação

Asseguro-te que se a Assembleia Geral modificar a decisão do Synodo que tornou facultativa a questão dos cálices e adoptar qualquer medida coerciva neste sentido, eu, o Presbyterio de... e muitas egrejas nos separaremos da Assembléa Geral e a tua Igreja no Rio será dividida em duas! (O Puritano, Rio de Janeiro, n.00734, 8 de janeiro de 1914, p.1)

O que o autor da publicação diz é que, se a Assembleia Geral mudar sua posição e adotar uma medida coercitiva, então se iniciaria um novo cisma na Igreja Presbiteriana. A separação da igreja por meio de um cisma sempre foi um assunto sério e urgente na fé cristã, pois essa ação tem consequências espirituais e materiais para a comunidade eclesial. Logo, a ameaça de uma cisão indica a tensão no período em que esse tema era debatido.

Durante o debate, algumas questões teológicas centrais à fé protestante foram discutidas, como a divindade de Jesus e a centralidade das escrituras. Afirmar que o cálice é um vetor de doenças é o mesmo que, para os defensores do cálice comum, duvidar da divindade de Jesus. Se Jesus, sendo Deus, não pode prever os malefícios de uma prática

¹⁷ O Puritano, Rio de Janeiro, n.00739, 12 de fevereiro de 1914, p.1.



por ele ordenada, sua onisciência é falsa¹⁸. Isto não significa que os partidários do cálice individual acreditavam nisso, mas o jornal, em seus artigos, conclui que o resultado lógico dos argumentos individualistas leva a essa conclusão. No mesmo artigo citado anteriormente, o pastor Álvaro faz a seguinte afirmação: “[...] por maior que seja o conhecimento que os cientistas dos nossos dias tenham de hygiene, o Auctor da natureza deve forçosamente excede-los.” (O Puritano, Rio de Janeiro, n.00734, 8 de janeiro de 1914, p.1). Desse modo, o conhecimento divino deve, necessariamente, ser maior que o conhecimento científico. Ou seja, para refutar seus opositores, o jornal apela para a tradicional dicotomia dos debates teológicos: ortodoxia contra heresia. O cálice comum como expressão da ortodoxia, ou seja, como doutrina correta e bíblica, e o cálice individual como expressão da heresia, doutrina errônea que conduz à desobediência. Segundo Hahn, para demonstrar que não negavam a divindade de Cristo ou a autoridade da Bíblia “Alguns dos defensores do cálice individual afirmavam que Jesus tinha compreendido a moderna hygiene, a existência de micróbios e a natureza das doenças e que ele nunca usara o cálice comum.” (2011, p.354).

Todavia, é importante observar que a própria mudança na prática discursiva do Rev. Álvaro Reis – refiro-me aqui a sua retratação citada anteriormente – é um reflexo da relação complexa estabelecida entre as ideias científicas e suas interferências nos hábitos do indivíduo, e o sagrado. Por fim, nos resta discutir o contágio e sua relação com o sagrado.

O MEDO DO CONTATO: A RELAÇÃO ENTRE O CONTÁGIO E O SAGRADO

A centralidade da questão se encontra na relação entre o contágio e o sagrado. Afinal, em todos os artigos até agora analisados vemos a questão do contato com o outro e o medo da transmissão da doença como algo que define os rumos do debate. Os argumentos teológicos, que discorrem sobre a natureza divina de Jesus ou a não

¹⁸ Se Jesus Cristo é Deus e não previu os “males” do uso do cálice comum sua onisciência – já que na teologia cristã Deus é onisciente e essa onisciência consiste no conhecimento de todas as coisas – é negada.



contrariedade do uso do cálice individual com as Sagradas Escrituras, estão todos relacionados a essa realidade social do contágio.

No início do século XX há um predomínio do paradigma microbiano e bacteriológico. A guerra, antes travada contra os miasmas, agora se dá no campo do microscópio, um mundo quase invisível aos olhos humanos. Segundo Luca, a Higiene “[...] ungida pelo prestígio que somente a ciência era capaz de conferir, adentrava o cotidiano dos indivíduos, inspecionando, vigiando e controlando por meio de um conjunto de normas, cuidados, prescrições e recomendações” (LUCA, 1999, p.206). De fato, a higiene adquire, no cotidiano dos indivíduos, um caráter de intervenção que se deu, principalmente, na alteração de alguns comportamentos visando o controle do contágio de diversas doenças. Mas, ao que parece, o predomínio do paradigma microbiano reforçou alguns comportamentos sociais no que diz respeito à ideia de contágio. Podemos até falar de uma complementaridade entre a Higiene clássica e a Higiene pós-revolução pasteuriana, organizada pela microbiologia. Um exemplo de permanência de aspectos do higienismo clássico é a relação estabelecida entre pobreza e “classes perigosas”, que não desaparece com a microbiologia (CAPONI, 2002), relação que estabelece um vínculo entre saúde moral e vigor físico. Sendo assim, o debate do cálice comum também envolveu questões sociais do período.

Um artigo publicado no O Puritano em 1912 trata de um trecho da epístola paulina chamada “Filêmon”. Essa epístola é conhecida por tratar do tema da escravidão no mundo antigo, pois se trata de uma carta enviada pelo Apóstolo Paulo a Filêmon, senhor de um escravo fugitivo. O artigo, ao tratar do tema, afirma que o servo Onésimo (escravo de Filêmon) se tornara inútil, desonesto e que talvez se encontrasse sob efeito de outros vícios, mas o Apóstolo Paulo estava reforçando a transformação que o escravo sofreu após sua conversão. O artigo afirma:

Que pensam os inimigos do Evangelho da consideração que Paulo dava a um escravo convertido, quando hoje dizem, em tom de escarinho, que as nossas igrejas se compõem na maioria de indivíduos da mais baixa camada social? [...] O que, porém, jamais deixou de ser verdade é que a conversão para o Evangelho transforma o indivíduo inútil em elemento de valor para a sociedade. (O Puritano, Rio de Janeiro, n.00678, 12 de dezembro de 1912, p.3)



O artigo demonstra que a discussão de questões sociais, que também são consideradas no debate analisado nesta pesquisa, estavam presentes nas comunidades presbiterianas do Brasil. O evangelho transforma o indivíduo inútil, cheio de vícios, degenerado, em alguém útil para a sociedade.

No entanto, pensando em um contexto geral dos argumentos utilizados, o que motivou essa reação por parte do jornal O Puritano, que realizou uma verdadeira campanha bélica contra aqueles que advogavam o uso do cálice individual? As discussões sobre o contágio e as relações sociais estabelecidas no seio da comunidade eclesial parecem apontar para a relação entre ciência e fé, representadas no jornal sob as figuras da higiene e da liturgia da Ceia do Senhor.

O higienismo é bem-vindo como parâmetro de sanitarismo e boa saúde¹⁹, mas quando interfere no sagrado e nos dogmas, aí surge uma reação contrária. Essa reação não pode ser denominada como anti-higienismo, afinal, essas ideias permeavam a sociedade brasileira e eram consideradas normativas. A reação, na perspectiva religiosa, é definida como uma defesa do sagrado frente ao racionalismo que tenta desconstruir o sobrenatural. Desse modo, o sagrado (sobrenatural) se transforma em algo dessacralizado (natural). Neste caso analisamos a dessacralização de um objeto religioso, que passa a ser visto, na perspectiva do cálice individual, como algo secundário e que não interfere nos dogmas da fé.

A oposição ao racionalismo, principalmente em relação à infalibilidade das Sagradas Escrituras, fica evidente em uma publicação feita no jornal em outubro de 1912. O autor do artigo, ao tratar da evolução das espécies, afirma que “admitir a “Evolução” e as Escrituras Sagradas como a Palavra de Deus – é um contrassenso para não dizer um perigo que ameaça uma tal pessoa de irremediável descrença na infalibilidade integral da Bíblia.” (O Puritano, Rio de Janeiro, n.00672, 31 de outubro de 1912, p.1). Aceitar aquilo que contraria a Bíblia é o mesmo que aceitar sua falibilidade. Para o Reverendo Álvaro Reis, e os editores do jornal, defender o uso do cálice individual era o mesmo que cair no erro de afirmar a falibilidade das escrituras e negar sua autoridade máxima.

¹⁹ Como já ficou demonstrado nos artigos que tratam do batismo por imersão. Nesse caso, os argumentos higienistas são utilizados para demonstrar a superioridade do batismo praticado por presbiterianos (aspersão).



Esse tipo de embate entre o sobrenatural e o racionalismo não é recente na história do Brasil. O historiador João José Reis trabalha – em seu livro “A morte é uma festa” – a dessacralização da morte, por parte dos médicos e seu projeto civilizatório, no Brasil do século XIX e as reações religiosas. Segundo o autor, “os médicos se consideravam defensores da legítima religião, em detrimento de padres e irmandades. Os enterros nos templos eram classificados de superstição, de barbarismo que nada tinha de religião” (REIS, 1991, p.262).

A dessacralização do cálice é definida como uma quebra com o símbolo do objeto sacro. O cálice representa a união, pois é símbolo de fraternidade e caridade entre os irmãos de uma mesma comunidade eclesial. Para os editores do jornal O Puritano, adotar o cálice individual nessa situação é o mesmo que negar o símbolo de união. Colocar as definições de higiene acima das ordenanças bíblicas é “Racionalismo”, e este deve ser combatido pela Igreja. Em uma publicação feita em janeiro de 1914 o jornal afirma que

“[...] dá o grito de alarma e declara guerra sem treguas contra o Racionalismo que ameaça solapar e invadir as Igrejas Evangelicas, de modo subtil e aparentemente inócuo, mas, de facto, para os que estudam e profundam as questões, altamente derogador de alguns dos princípios basicos do Christianismo, porque vae até o rebaixamento do amor fraternal entre os irmãos na fé, visto pretender abolir o symbolo desse amor – a participação em commum do mesmo calix [...]” (O Puritano, Rio de Janeiro, n.00737, 29 de janeiro de 1914, p.1)

O medo de contágio é definido como racionalismo e inovação. Se o sacramento da Ceia do Senhor define comunhão, o contágio define distância, individualização, separação. Se Jesus, ao instituir o sacramento – conforme defendido pelo periódico analisado –, afirmou “bebei dele todos”, o medo do contágio alterou a ordenança para que nela estivesse presente o cálice individual. No mesmo artigo citado acima, o jornal declara que “Estes cálices ao em vez de representarem o nosso amor recíproco e fraternal, significam que nós temos nojo e medo uns dos outros!” (O Puritano, Rio de Janeiro, n.00737, 29 de janeiro de 1914, p.3).

Por fim, a obediência às ordenanças de Jesus deve se sobrepor ao medo de sofrer qualquer dano pelo uso do cálice comum. Mesmo que a comunidade padeça de alguma



doença causada pela prática litúrgica, o mais importante é ser obediente. Alguns chegam a defender que o cálice comum não pode causar dano aos fiéis, pois é uma instituição divina e, por isso, existe a garantia de que a prática sacramental está protegida de qualquer malefício. Um membro da Igreja Fluminense escreve uma carta para o pastor Álvaro Reis utilizando essa argumentação

A ceia por Elle estabelecida ia ser para os seus discípulos em todos os tempos e logares, é certo que Elle os preveniria desse contagio se por fazer aquele acto em memoria d'Elle corressem perigo de ficarem tísicos, morpheticos ou adquirirem outras enfermidades. O contrario, deu uma promessa aos que cressem: Se beberem, alguma potagem mortífera, não lhes fará mal. Marcos 16:17-18. (p.1)

Esse racionalismo é característico do protestantismo norte-americano, que enviou seus missionários para o Brasil, apresentando uma tendência de se dividir em “denominações”. Segundo González (1995), é nesse período que surgiu uma definição da Igreja – termo que, aqui, se refere aos cristãos como um todo – como um corpo invisível. Desse modo, as denominações (igrejas particulares) são organizações constituídas por membros da Igreja Invisível. Algumas discussões que surgiram nos Estados Unidos ultrapassaram as barreiras denominacionais e dividiram os grupos entre si. O historiador Justo González trata desse assunto

[...] temas como a escravidão, as atitudes diante da teoria da evolução, o fundamentalismo, o liberalismo e as lutas raciais, dividiram várias denominações ao mesmo tempo, e os partidários de determinada posição uniram-se através das supostas barreiras denominacionais. (GONZÁLEZ, 1995, p.22)

O debate do cálice comum está inserido nesse caso, pois vemos indivíduos de diferentes denominações, como é o caso do último artigo analisado, produzido por um membro da Igreja Fluminense, debatendo o mesmo tema sob a mesma perspectiva ou sob a perspectiva contrária. O liberalismo, chamado de racionalismo pelos editores d'O Puritano, foi uma tentativa de responder às novas questões que surgiam no mundo moderno, e representa o sentimento de progresso civilizacional que alimentava a esperança dos missionários protestantes. A fé cristã precisava se adaptar à nova realidade



imposta pelos padrões civilizacionais, que aqui no Brasil foram postas em prática pelo higienismo. Como bem pontua González

A Teoria da Evolução, proposta por Darwin, criou uma grande agitação, pois desafiava a história da criação registrada no Gênesis. Todavia, entre os teólogos tiveram maior importância os estudos históricos e críticos que estavam sendo feitos na Europa, especialmente na Alemanha. Esses estudos punham em dúvida a autenticidade histórica de vários livros da Bíblia. Em muitos casos, a própria metodologia dos que se dedicavam a esses estudos os levava a negar a veracidade de tudo o que pudesse parecer extraordinário ou milagroso. Ademais, esse ambiente intelectual caracterizava-se por um grande otimismo quanto ao ser humano e suas possibilidades. Graças à Teoria da Evolução e ao progresso que ela acarretava, parecia aproximar-se o momento em que os humanos se mostrariam capazes de resolver problemas que até então pareciam insolúveis. Tais idéias deram origem ao "liberalismo", que antes de tudo foi uma tentativa para se compreender a fé cristã, de tal modo que ela se mostrasse compatível com aquelas idéias. (GONZÁLEZ, 1995, p.48)

As palavras racionalismo e liberalismo são utilizadas, em alguns artigos do jornal, como sinônimos. Nesse sentido, a fonte analisada no presente trabalho critica a tentativa de dessacralizar um símbolo religioso e sua prática litúrgica. Assim, a questão central da polêmica é o contágio e suas implicações sobre o sagrado. Para o pastor Álvaro Reis, e todos os que defendiam a permanência de um único cálice na Ceia, o problema não estava no higienismo, mas sim na intervenção das ideias higienistas nas ordenanças divinas, pois nada pode estar acima da revelação divina sob a figura das Sagradas Escrituras, que é imutável. Como afirma o Rev. Álvaro Reis em um artigo escrito em resposta a uma crítica feita por um leitor do jornal:

Realmente, amigo, eu me não conformo com o seu liberalismo! [...] Si o sacramento eucarístico – preceito de Christo mandamento divino – pôde ser modificado, à vontade dos crentes, ou da Sessão, ou, enfim, dos concílios – adeus Reforma Protestante! Adeus, infalibilidade da Bíblia! Adeus divindade de Christo! E viva o Racionalismo, o NOVO PAPA do protestantismo! Não! Eu adoro um Deus que não se muda, um Deus imutavel. E eu, em materia religiosa, não me affaisto deste principio da Reforma: - A BIBLIA E SÓ A BIBLIA É A SUPREMA E INFALLIVEL AUCTORIDADE E REGRA DE FÉ E PRATICA CHRISTÃ. (O Puritano, Rio de Janeiro, n.00746, 12 de abril de 1914, p.2)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO
Rua Irmã Arminda, 10-50, Jardim Brasil – CEP: 17011-060 – Bauru-SP – Telefone: +55(14) 2107-7000
unisagrado.edu.br



O período da disputa do Cálice Comum, que se deu de forma intensa entre os anos 1912 – 1914, apresenta, sob a perspectiva do sagrado, a influência que as ideias higienistas exerceram sobre a sociedade brasileira. É interessante como essa discussão social, ao influenciar o campo religioso, ganha também aspectos teológicos, pois aqueles que discutiram sobre o uso do cálice comum e a possível contaminação por meio dele eram, em grande maioria, teólogos protestantes que interpretavam a realidade social e política sob a ótica do protestantismo no Brasil.

No século XX, o Brasil passava por um processo de modernização para se adequar aos novos padrões de civilização. Essa modernização também incluiu a adoção de medidas intervencionistas por parte do governo na vida privada da população. O higienismo, para além de discutir questões de saneamento, combatia hábitos considerados prejudiciais e degenerativos para o país. A relação com o outro é afetada por essa visão da doença e seu contágio. O debate sobre o uso do cálice comum centrou-se sobre essa questão, pois o medo do contágio e as medidas profiláticas para evitar o contágio de doenças foram considerados uma intervenção na imutabilidade do sagrado. Uma invasão do natural sobre aquilo que, na ótica religiosa, supera a ordem natural das coisas. Essa intervenção gerou uma resposta calorosa por parte do periódico *O Puritano*, que a enxergava como uma forma de dessacralizar a liturgia da Ceia ordenada por Cristo.

Atualmente é possível enxergar esse processo de embate entre as ideias científicas e as ordenanças divinas. Durante a pandemia do Covid-19, por exemplo, o debate sobre a Ceia do Senhor e suas implicações espirituais cresceu. Algumas igrejas debateram, durante o período pandêmico, se a transmissão da Ceia do Senhor *online* seria ou não válida²⁰. Essas questões que envolvem o contágio e sua influência sobre o sagrado ainda estão presentes no ambiente eclesial. O cálice individual, hoje, é usado em quase todas as igrejas evangélicas, não há mais oposição quanto ao seu uso e significado teológico. O discurso da higiene superou o discurso dogmático religioso? Para obter essa resposta seria necessário analisar o desenvolvimento do debate em outras denominações

²⁰ Ver artigo “Devemos transmitir a Ceia do Senhor online?” do site Coalizão pelo Evangelho. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/devemos-transmitir-a-ceia-do-senhor-online/>. Acesso em: 05 nov. de 2022.

29
NOV A
01
DEZ

EVENTO PRESENCIAL

Minicursos, conferências, palestras,
mesas-redondas, encontros e
apresentações orais

protestantes. Além disso, seria necessário consultar fontes que foram produzidas pelos defensores do cálice individual, já que a perspectiva que temos nos foi apresentada pelo jornal “O Puritano”. Por fim, é necessário avançar na compreensão de como o contágio e as diferentes perspectivas higienistas se relacionaram com as denominações protestantes.

FONTES

O Puritano, Rio de Janeiro. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional (BN). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemerotecadigital/>. Acesso em: 01 de nov. de 2022.

REFERÊNCIAS

BAÍIA, Anderson da Cunha. **Associação Cristã de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e física (1890-1929)**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CAPONI, Sandra. Entre miasmas y micróbios: la vivienda popular higienizada. **Cad. Saúde Pública**, v.18, n.6, p.1665-1674, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/7fy7TBPvVGdXrBGJtn5rrmN/#>. Acesso em: 2 nov. de 2022.

CARVALHO, Eliane Vianey de; JUNIOR, Laerthe de Moraes Abreu. O discurso médico-higienista no Brasil do século XX. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.10, n.3, p.427 – 451, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/rYdphf4bjPSgTXXMJcXP3vb/?lang=pt#>. Acesso em: 8 abr. 2022.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. **O saneador do Brasil: saúde pública, política e integralismo na trajetória de Belisário Penna**. 2019. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/50326>. Acesso em: 2 nov. de 2022.

GONZÁLEZ, Justo L. **A era dos novos horizontes**. São Paulo: Vida Nova, 1995.



GUARNIERI, Dayane Cristina. A utilização do periódico como fonte histórica. In: HISTÓRIA E MÍDIAS: NARRATIVAS EM DISPUTA, 2020, Pernambuco. **Anais eletrônicos do XIII Encontro Estadual de História**. Pernambuco: Anpuh-PE, 2020. Disponível em:
<https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/anais/trabalhos/trabalhosaprovados>. Acesso em: 2 nov. de 2022.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. São Paulo: ASTE, 2011.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**. Estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: ASTE, 1963.

LÉONARD, Émile G. **O presbiterianismo brasileiro e suas experiências eclesiais**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2014.

LIMA, Otavio Pereira. **Higiene e vestuário no início do século XX: algumas idéias de Afrânio Peixoto**. 2006. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LUCA, Tania de. **A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MAIO, Marcos Chor. Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs). **Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

MATOS, Alderi Souza de. Breve história do protestantismo no Brasil. **Vox Faifae** v.3, n.1, p.1-26, 2011. Disponível em:
<http://www.faiifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/27>. Acesso em: 26 de maio de 2022.

Manual Presbiteriano com Notas Remissivas. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2019. Disponível em: <https://www.ipb.org.br/content/Downloads/Manual-Presbiteriano-2019.pdf>. Acesso em: 2 nov. de 2022.

MENDONÇA, A. G. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, n. 67, p. 48-67, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i67p48-67. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 8 abr. 2022.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina.** 5 vols. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837 - 1930).** 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.